

CONTRIBUIÇÕES DO ESTUDO DA CATEGORIA *TEMPO* NOS GÊNEROS DISCURSIVOS CRÔNICA, CARTA COMERCIAL, NOTÍCIA E ENTREVISTA SOCIOLINGUÍSTICA PARA O ENSINO DA LÍNGUA MATERNA

Ângela Back (UNESC) *
Almerinda Tereza Bianca Bez Batti Dias (UNESC) **
Rosemary Domingos (IFC) ***

RESUMO: Este artigo apresenta resultados considerando a categoria Tempo, inserida em enunciados, com base em corpus, ligados às esferas jornalística (notícias), do cotidiano (entrevistas sociolinguísticas) e empresarial (cartas comerciais), com vistas a contribuir para o ensino da língua materna. Os fundamentos teóricos desta investigação correlacionam pressupostos do funcionalismo givoniano (Givón, 2001, 1984) e sociodiscursivos (Bakhtin, 2003, 1988), entre outros. A investigação acerca desses gêneros proporcionou a constatação de que características ligadas à temporalidade, de modo geral, apresentam-se de formas distintas: carta comercial - presente/futuro, acabado, realis; crônica - presente/pretérito perfeito, acabado, realis; notícia - pretérito perfeito, acabado, realis; entrevista sociolinguística - pretérito imperfeito, acabado, realis. A contribuição está posta, pois descreve a temporalidade nos gêneros em questão, desvelando sua estrutura discursiva.

PALAVRAS-CHAVE: Tempo discursivo; Gênero discursivo;. Ensino de língua.

ABSTRACT: This paper presents results considering the category of Tense, within statements based on corpus connected with the fields of journalism (news and chronicles), everyday life (sociolinguistic interviews), and business enterprise (business letters), in order to contribute to the teaching of mother language. Its theoretical basis correlates, among others, Givonian functionalism (Givón, 2001, 1984) and socio-discursive assumptions (Bakhtin, 2003, 1988). The investigation concerning these genres shows that aspects related to temporality, in general, appear in different ways: commercial letter – present/future, accomplished, realis; chronicle – present

* Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC; professora do Programa de Mestrado em Educação pela Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC.

** Mestra em “Ciências da Linguagem” pela Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL e professora de Língua Portuguesa e Produção e Interpretação Textual na instituição universitária UNESC – Universidade do Extremo Sul Catarinense.

*** Mestra em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC; professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Catarinense – IFC, campus Sombrio, SC.

past perfect, accomplished, realis; news – past perfect, accomplished, realis; sociolinguistic interview – pretérito imperfeito, accomplished, realis. This is the basic contribution, for it describes the temporality in these genres, unveiling its discursive structure.

KEYWORDS: Tense in discourse; Genre of the discourse. Education language.

Este trabalho propôs-se a investigar a categoria *Tempo*, inserida no domínio funcional que envolve *Tempo*, *Aspecto* e *Modalidade* (doravante TAM), em enunciados, com base em *corpus*, ligados às esferas jornalística (notícias), do cotidiano (entrevistas sociolinguísticas) e empresarial (cartas comerciais). Trata-se de gêneros relativamente estáveis em se tratando do espaço de circulação, domínio e audiência. A hipótese que permeia esta investigação é guivoniana e tem em sua gênese a questão de que *gêneros discursivos diferentes podem mostrar características distribucionais diferentes* quanto aos valores temporais discursivos; então, partiu-se do pressuposto de que em cada uma dessas esferas, o tempo verbal estrutura-se diferentemente.

Frisa-se que, para se trabalhar com o gênero discursivo, há que se levar em consideração sua dimensão social por meio da qual evidenciar-se-ão pistas ligadas ao conteúdo temático, formas composicional e estilística, este é o domínio em que se analisa a dimensão verbal. Feito isso, é posto que o todo do texto, como manifestação material do gênero, passa a ser investigado de modo interligado, lembrando que, segundo Bakhtin (1988), sem materialidade linguística não há enunciado por ser este de natureza eminentemente social.

A opção por discutirmos a categoria *Tempo* deveu-se a algumas razões básicas. Primeiro, porque ao elegermos operacionalizar, metodologicamente, com análise de *corpus*, composto por gêneros de esferas sociais distintas, reelaboramos não somente a unidade mínima de análise (do limite da frase para o gênero), mas nos inserimos na *virada pragmática do ensino de língua materna* (Bonini, 2002) que concebe, entre outras, TAM como *categoria lingüístico-enunciativa* (Rojo, 1996). Finalmente, porque serve para refletimos sobre as implicações pedagógicas, buscando melhores orientações quanto ao processo ensino-aprendizagem, o que valida a proposta, sobretudo por estarmos em consonância com algumas das recomendações por parte de documentos que orientam o ensino de língua, a exemplo das sucessivas edições dos *Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)*. De um modo geral, a investigação acerca desses gêneros proporcionou a constatação de que a estrutura verbal, levando em conta o complexo TAM, permite-nos dizer que as características distribucionais, de modo geral, dessas categorias são distintas, a saber:

1. carta comercial = Presente/Futuro, acabado, *realis*.
2. notícia = Pretérito Perfeito, acabado, *realis*;
3. entrevista sociolinguística = Pretérito Imperfeito, acabado, *realis*.

A primeira das três categorias, *Tempo*, é aquela que nos interessa discutir neste trabalho, em função de mostrar valores temporais descolados de sua forma gramatical prototípica, ou seja, aquela prescrita pelos manuais gramaticais de base normativa. Quanto às categorias *Aspecto* e *Modalidade*, com base no mesmo *corpus*, entrará na discussão de modo a fortalecer o domínio funcional que engendra o gênero em questão.

CATEGORIA TEMPO: REDIMENSIONANDO A QUESTÃO DO TEMPO DISCURSIVO

Com relação à categoria *Tempo*, observam-se, basicamente, duas orientações, a primeira é a que informa, de maneira geral, se o que expressa o verbo ocorre no momento em que se fala, em uma época anterior, ou em uma ocasião que ainda esteja por vir; são, fundamentalmente, três os tempos: presente, pretérito e futuro, com possíveis variações aspectuais e modais, em que se considera apenas a morfologia verbal, sem levar em conta outras relações entre os eventos. Trata-se da abordagem de caráter normativo que investiga o *tempo gramatical*, que se estrutura aproximadamente como a escala imagética a seguir, a qual tenta representar a linha do tempo. A título de exemplo, localizamos nela alguns tempos gramaticais.

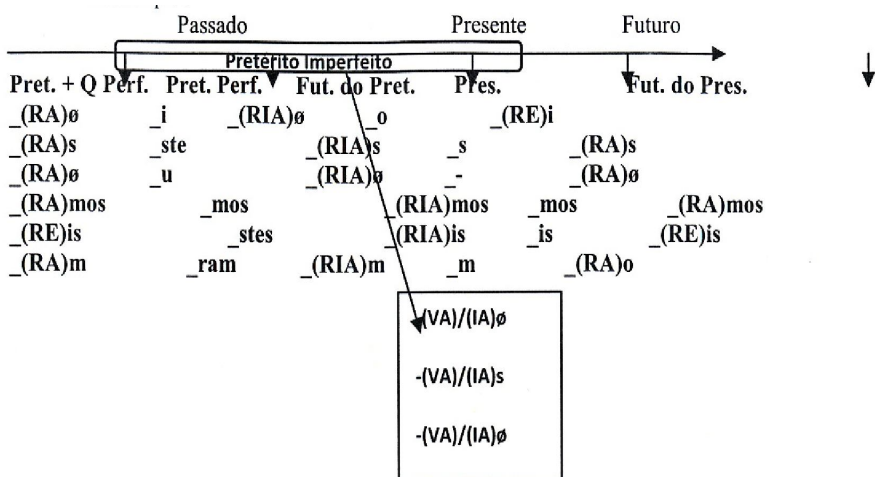


Figura 1: Escala imagética da linha temporal – foco no modo indicativo

A segunda orientação considera o uso concreto da língua a partir do qual se delinea *Tempo* como aquele que assume valor discursivo considerando não só o momento em que se dá o fato expresso pela morfologia verbal (tempo gramatical) aglutinada ao verbo, como também o relaciona a outros pontos de referência na relação temporal, seja ao momento de fala ou a outro evento, linguístico ou discursivamente recuperado para sua interpretação. Nesse sentido, o número de tempos verbais, considerando o uso da língua, é maior do que simplesmente as noções de presente, passado e futuro ao momento de fala. Trata-se de reconhecer o *tempo discursivo* a partir do que se enuncia; daí precisarmos de uma interpretação cujas noções de anterioridade, posterioridade e concomitância a outros tempos, caracterizados como tempos de referência, funcione com relação aos eventos nos tempos mencionados, combinando-os a fim de interpretá-los. A título de ilustração, vejamos algumas evidências por meio das quais se atestam os tempos discursivos.

1) F *EØ quando tinha um incêndio, todo mundo tinha que parar o que estava fazendo. *[Ia] ia ajudar no incêndio, se alguém não PARASSE, ia pra cadeia, pagava multa [...]. (SCCRI06, p. 21)

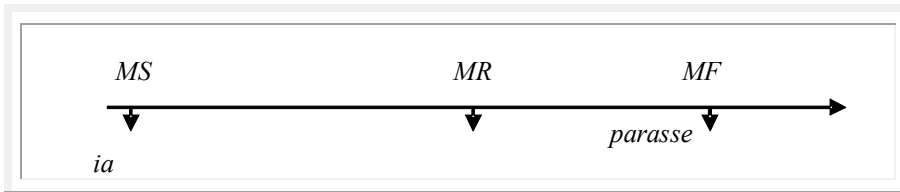


Figura 2: Diagrama para a interpretação temporal do Antepretérito, com base em Reichenbach (1947).¹

3) *Então aquele jogo foi emocionante, foi sofrido, porque a gente *esperava* que a qualquer hora os atacantes do Grêmio FIZESSE um gol e ACABASSE aquele sonho ali, né? *Foi o jogo mais emocionante, foi o Criciúma e Grêmio pela Copa Brasil. (est) (SCCRI03,p.53)

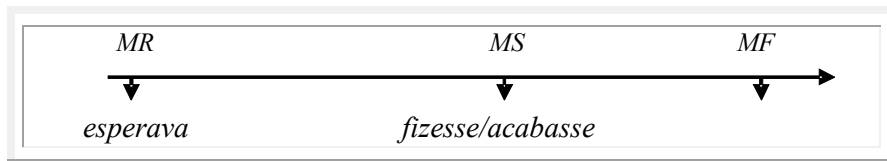


Figura 3: Diagrama para a interpretação temporal do Pós-Pretérito, com base em Reichenbach (1947).

¹ Ao longo deste artigo, faremos uso da nomenclatura dada aos pontos reichenbachianos: de PR para MR (momento de referência), de PE para MS (momento da situação) e PS para MF (momento de fala), a exemplo de Coan (2003). Para maiores esclarecimentos, ver tese Back (2008).

Em ambas as figuras, que representam o tempo discursivo da forma *-sse*, chamada de Pretérito Imperfeito do Subjuntivo (PIS), têm-se interpretações distintas. Junto à figura 2, o PIS ‘parasse’ – tempo da situação (MS) – tem valor de um antepretérito, uma espécie do que entendemos como passado do passado (pretérito mais-que-perfeito), pois toma como ponto de referência (MS) ‘ia’, ou seja, só com base neste que podemos atribuir o tempo discursivo àquele. Já, em se tratando da figura 3, o PIS ‘fizesse’ concomitantemente com ‘acabasse’, cuja interpretação, proporcionada pela presença da conjunção ‘e’, coloca no mesmo patamar a temporalidade, em que se tem a interpretação de um pós-futuro, uma espécie de futuro do pretérito, pois toma como ponto de referência ‘esperava’.

A interpretação acima, das evidências, constitui-se como argumento comprobatório de que a nomenclatura tradicional dos tempos verbais que parte, via de regra, de sua marcação morfológica não se confunde com o valor temporal – tempo discursivo – que assume o verbo frente aos enunciados que circulam socialmente.

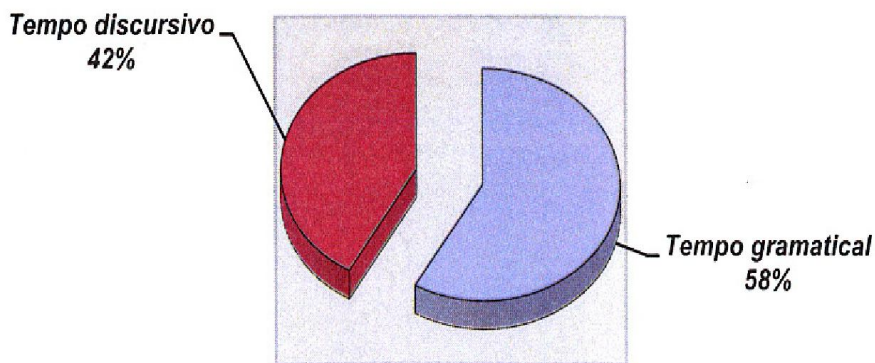
Segundo Givón (1984/2001), *Tempo (tense)* é uma categoria dêitica que codifica a relação entre dois pontos ao longo da dimensão linear do tempo, sendo um desses pontos o ponto de referência para o outro – tempo do evento. O ponto de referência universal para o evento é o *tempo de fala*, o que é muito comum na conversação; nesse caso, tem-se um tempo absoluto, não-marcado, ancorado no presente. Pode haver, entretanto, outro ponto de referência explicitamente representado por outros eventos, a exemplo do que mostramos junto às figuras 2 e 3, ou indicado pela presença de formas adverbiais; nesse caso, depara-se com um tempo relativo, marcado, ancorado no passado ou no futuro (Givón, 1984; 2001; Comrie, 1990; Lyons, 1977).

A abordagem guivoniana situa-se precisamente na segunda orientação, haja visto que se investigou, neste estudo, de modo inter-relacionado a hipótese segundo a qual nos perguntamos sobre de que maneira o discurso ligado a vários domínios sociais faz uso da expressão de tempo e em que medida a morfologia cumulativa (tempo gramatical) representa a temporalidade que o enunciatário pretende atribuir ao enunciado considerando a situação comunicativa. Nas próximas seções, terão destaque os gêneros *cartas comerciais*, *crônicas*, *notícia* e *entrevistas sociolinguísticas* e seus respectivos valores temporais, com o propósito de refletirmos sobre a questão colocada.

TEMPO E A EXPRESSÃO VERBAL CONSTITUTIVA DAS CARTAS COMERCIAIS

A pergunta que se colocou como propósito primeiro foi a de focalizar a investigação de como se estrutura o discurso verbal em *cartas comerciais*, a partir das pistas linguísticas relativas à categoria tempo, observando em que medida orienta a expressão verbal constitutiva desse gênero.

Gráfico 1 = configuração temporal em cartas comerciais



Computamos 230 verbos, controlando seu estatuto de tempo gramatical *vs* valor temporal discursivo, como mostra o gráfico a seguir: Chamamos de tempo discursivo apenas para estabelecer uma convenção, distinguindo-o daquele que expressa o tempo sob forma gramatical esperada, portanto, prototípica². Do contrário, tem-se o tempo discursivo, i.e., aqueles cujas formas gramaticais não correspondem a sua expressão prototípica, estando, portanto, a serviço de outra expressão temporal. Exemplos do que chamamos de tempo discursivo:

Presente com valor de Passado

(01) Em resposta à sua carta de 2 do corrente, na qual V.Sas. nos propõem a representação de seus produtos ... (Carta 06, 20/01/89).

² Chamamos de valor temporal prototípico aquele valor historicamente atribuído às formas verbais do português com base em sua morfologia verbal aglutinadora, a exemplo do que Freitag (2007) afirma acerca do imperfeito que, segundo ela, refere-se a uma situação anterior ao momento de fala e simultânea ao ponto de referência. A forma que representa essa expressão verbal é *_va* (*cantava*), *_ia* (*sortia*).

Passado com valor de Pretérito Mais-que-Perfeito
(02) ... estante-escrivaninha da linha “nórdica”, veio em imbuia,
quando pedimos em jacarandá. (Carta 05, 20/01/89).

Há inúmeras ocorrências cuja forma gramatical corresponde a outra expressão temporal que não a sua. Pode-se, ainda, acrescentar que a carta comercial é um gênero rico em formas temporais que expressam os tempos discursivos presente e futuro, a saber: infinitivo e gerúndio, presente do indicativo e subjuntivo. Essa reflexão, certamente, contribui para um trabalho com esse gênero, no sentido de mostrar as intenções que estão por trás das marcas temporais. O resultado disso certamente tem implicações pedagógicas na medida em que se problematiza questões para além da nomenclatura gramatical, dando sentido pleno ao enunciado. Para isso, vejamos a próxima seção.

CORRELAÇÕES ENTRE DIMENSÃO VERBAL E DIMENSÃO SOCIAL DA ESFERA COMERCIAL

A carta comercial é um gênero já bem padronizado textualmente, uma vez que o formato já se cristalizou, tornando alguns aspectos mais evidentes³, outros nem tanto. Podemos, assim, dizer que se trata de um enunciado que dentro do ‘relativamente estável’ (Bakhtin, 2003), está mais para estável. Nesse caso de maior estabilidade quanto à forma composicional, recorreremos aos padrões estilísticos, pois é justamente sobre a materialidade linguística, que nem sempre está evidente, e que, determinada pelos parâmetros da situação de enunciação, pode se estabelecer correlações entre as dimensões verbal e social, ressaltando, sempre, que buscamos pistas para a significação *sem a pretensão de esgotar a descrição dos aspectos lingüísticos ou textuais, mas apenas ressaltando as “marcas lingüísticas que decorriam de/produziam significações e temas relevantes no discurso.* (Rojo, 2002).

Tomemos como ponto de partida a *anterioridade metafórica* que, para Bello (1979 [1847], 220), trata-se de uma forma temporal que está em evidência de modo a não ressaltar seu valor de tempo característico. Segundo o autor, emprega-se a *anterioridade metafórica* para expressar modestamente o que de outra maneira pode parecer presunção. Vamos ao enunciado a seguir, extraído de uma das cartas que compõe o *corpus* analisado:

³ Os aspectos evidentes são *a*) o formato com a data abrindo no canto superior esquerdo, o destinatário logo a seguir, o vocativo, a organização em blocos, o fechamento, a assinatura; *b*) a plataforma, ou seja, o papel timbrado que segue via correio, ou, mais recentemente, mantendo o padrão em (a), a plataforma é o *e-mail* com a marca formal timbrada.

(03) *Gostaríamos* de informar, ainda, que o autor está ciente do assunto, tendo concordado plenamente com os contatos que estamos realizando para a publicação de seu livro. (*Carta 19*)

Ora, nada mais pertinente do que o uso desse *tom* em cartas comerciais, por meio do qual se estabelece o elo com a esfera comercial, onde ocorrem relações sociopessoais que exigem dos envolvidos na interação a *diplomacia*, a *polidez*. Em (03), o que está em jogo não é nem mesmo o valor temporal, pois se sabe que a interpretação de presente está em segundo plano comparada à anterioridade metafórica que expressa a polidez. Veja que a *coloração* proporcionada por esse *tom*, característico da esfera do trabalho, também se observa em construções com o Presente do Subjuntivo em que se solicita algo ao interlocutor, como segue:

(04) Estamos enviando a V.Sas. os originais da obra *Felicidade em gotas*, de autoria do Professor ..., para que *seja feita* avaliação e *possa*, em caso de aprovação, vir a ser publicada. (*Carta 19*)

Em Bahktin (2003), o estilo não se manifesta no indivíduo, mas no coletivo (social). Com base nisso, toma-se o *tom de gentileza* como uma das características que se materializa linguisticamente, por meio do futuro do pretérito e presente do subjuntivo, no estilo da carta formal, que nada mais é do que o estilo empresarial. Veja que as construções acima são propiciadas no gênero, em função da audiência característica e do lugar de circulação – esfera do trabalho, mundo das corporações empresariais. No português do Brasil, sobretudo na fala – esfera do cotidiano, pode-se usar tranquilamente a perífrase verbal de futuro expressando o que Fleischmann (1989) chama de futuro de gentileza. Já, a carta comercial, em função de o espaço institucionalizado ser mais formal, não comporta esse modo de dizer, entrando em jogo o presente do subjuntivo (gramatical) com valor discursivo de futuro, proporcionando a interpretação de gentileza, de diplomacia.

A EXPRESSÃO VERBAL CONSTITUTIVA DA NOTÍCIA

O *corpus* desta pesquisa é constituído de vinte e uma notícias, publicadas no Jornal *Diário Catarinense*, no período de 16 a 22 de maio de 2005, selecionadas de forma aleatória. A nossa primeira hipótese era a de que predominaria o aspecto acabado e a modalidade *realis*, que se liga a eventos factuais – já ocorridos, pois os textos visam a informar acontecimentos passados, com predomínio, portanto, do tempo gramatical e discursivo no eixo do pretérito, mais especificamente o perfeito. A

hipótese foi confirmada, conforme o percentual de aplicação de 96% apresentados, na Tabela 1, a seguir.

Tabela 1: Modalidade X Aspecto no gênero notícia

Modalidade	Realis			Irrealis		
	Aplicação	Total	%	Aplicação	Total	%
<i>Acabado</i>	418	436	96	18	436	4
Inacabado	23	44	52	21	44	48
Total	441	480	92	39	480	8

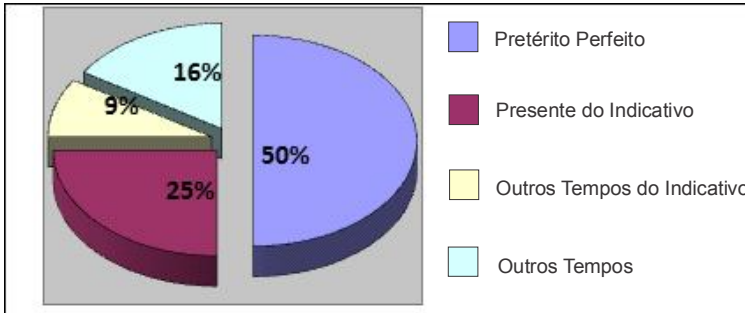
Acreditamos que a expressão de tempo atestada nesse gênero seja em função de a notícia ser um texto escrito, publicado e revisado, justificando, assim, a predominância do uso conforme determina o padrão verbal circunscrito a essa esfera social. Tavares (1997, p. 124) afirma que “no jornalismo, as normas lingüísticas visam não à produção de um texto original ou criativo, mas um texto padronizado, que não chame a atenção por si, porém para a informação que carrega”.

CORRELAÇÕES ENTRE DIMENSÃO VERBAL E DIMENSÃO SOCIAL DA NOTÍCIA

Conforme a definição de gêneros apresentada por Rojo (2002), o texto notícia possui como interlocutores: de um lado o locutor (repórter / jornalista) que relata, neste caso por escrito, acontecimentos, de forma estruturada e determinada pela situação social vivida na produção do discurso, aos interlocutores (leitores) com o propósito de colocá-los a par dos eventos da sociedade em si, ou seja: a notícia está contida na esfera comunicativa da imprensa, uma vez que ocupa um determinado lugar social e tem a intenção (finalidade) comunicativa de informar pontualmente os leitores sobre o tema abordado.

Com relação aos valores temporais atribuídos às formas verbais características do gênero, nossa hipótese foi a de que, em função dos eventos sociais retratados já terem ocorrido, os tempos característicos desse gênero deveria estar no eixo do pretérito, o que foi prontamente confirmado. Vejamos o gráfico a seguir:

Gráfico 3: Tempo discursivo na notícia – eixo pretérito



O esperado era o predomínio do pretérito perfeito, o que se efetivou junto à análise com 50% das ocorrências, ficando 25% codificado gramaticalmente pelo presente do indicativo, mas com expressão pretérita, como atestaremos a seguir por meio de exemplos. Em razão de a certeza factual expressa nesses eventos ser marcada pela intenção comunicativa, característica dessa esfera, o modo predominante foi o indicativo.

Em se tratando da realização gramatical de tempo presente, vale destacar que o ponto de referência temporal é a data do jornal, de maneira que o tempo verbal presente (morfologicamente marcado) sinaliza tempo discursivo passado. É o que se verifica junto à ocorrência (08) a seguir, na qual o evento é passado, mas perpetua-se no presente; logo, temos um presente indicando um passado.

(08) “Os defensores da opção Dirceu *argumentam* que ele *tem* o perfil para a hora na qual *há* desordem na base governista e o embate com a oposição se acirra. O próprio Dirceu, porém, *sabe* que É difícil.”
(Texto 1 – 16/5/2005)

Com base em Bello (1979, pp. 450-452), podemos dizer que se pode, em se tratando ainda do enunciado em (08), expressar gramaticalmente o presente por possuir alguns traços característicos desse tempo, como cita o autor:

A característica de percepções mais vívidas, atuais proporcionada pela relação de coexistência pode ser usada para expressar situações passadas ou futuras com maior vigor, energia. Daí, utiliza-se um efeito de sentido que é prototípico de C [*presente – grifo nosso*] para codificar situações temporais que em outras circunstâncias seria expresso por A [*pretérito – grifo nosso*] ou P [*futuro – grifo nosso*]. Trata-se de um uso metafórico quando há a transposição do pretérito ao presente.

No discurso reportado, também o tempo presente tem valor discursivo de passado, conforme o dado (09) – abaixo.

(09) “Não me *envolvo* na política brasileira. Apenas *ofereço* ao PFL meu apoio e minha experiência – disse o ex-primeiro-ministro.” (Texto 13 – 20/5/2005)

A explicação para o uso do presente no lugar do pretérito, nos exemplos acima, pode ser atribuída ao fato de o leitor, de posse do conhecimento compartilhado, conseguir interpretar o enunciado em função do momento político conturbado pelo qual o país passava à época da reportagem, e como esse momento ainda não se encerrou, pois continua sendo investigado e, conseqüentemente, noticiado, a opção pelo tempo presente dá o caráter de atual como propõe Bello (1979).

O tempo presente também pode indicar futuro, conforme as ocorrências seguintes em (10) e (11), naquele o advérbio *amanhã* e neste a locução adverbial *25 de maio* corroboram a interpretação do tempo como futuro, funcionando como ponto de referência sobre o qual se ancora a interpretação do Tempo discursivo.

(10) “Armando Hess de Souza *coordena hoje e amanhã* o seminário [...]” (Texto 12 – 19/5/2005)

(11) “Fluminense e Ceará *jogam* a primeira partida, *no dia 25 de maio*, em São Januário.” (Texto 15 – 20/5/2005)

Vale ainda um registro acerca das formas nominais encontradas nas notícias. A discussão dos nominais, de certa forma, já tem sido contemplada junto às gramáticas da língua. Para tanto trazemos Cunha e Cintra (2001, p. 482), segundo o qual as formas nominais “caracterizam-se todas por não poderem exprimir por si nem o tempo nem o modo. O seu valor temporal e modal está sempre em dependência do contexto em que aparecem.” As formas nominais (em estruturas de orações reduzidas) tiveram 15% de ocorrência. Nesses casos, prevaleceu o nominal infinitivo com 66%, seguida pelo participípio e pelo gerúndio com 17% cada. O interessante é que, nas três formas, a expressão de temporalidade discursiva predominante foi o Passado.

Portanto percebemos que, com base no *corpus* analisado, o contexto (no nível proposicional e no nível pragmático) influencia as formas nominais, isto é, se os demais verbos do enunciado estiverem no passado, funcionando como ponto de referência, as formas nominais terão o mesmo tempo discursivo de seus respectivos PRs. Trata-se do conceito de tempo relativo trabalhado por Comrie (1990, p.58) que diz

“[...] tudo que é requerido para tempos verbais relativos é a identificação de um ponto de referência compatível com o contexto dado.” [tradução nossa].

TEMPO E A EXPRESSÃO VERBAL CONSTITUTIVA DAS ENTREVISTAS SOCIOLINGÜÍSTICAS

Sabendo-se que os PCNs destacam a utilização competente da Língua Portuguesa não só como instrumento de acesso e apropriação de bens culturais, sociais e participação ativa no mundo letrado, como também sua utilização na resolução e superação de situações e problemas do dia a dia, partiu-se para a análise de *corpus* formado por entrevistas sociolinguísticas (ES). Isso por se tratar de análise e reflexão sobre o vernáculo (Tarallo, 2001), obtido por meio de entrevistas elaboradas nos moldes labovianos.

Para a obtenção dos dados, foram analisados os quinze minutos finais de vinte e uma entrevistas do NUPESS⁴, quando o entrevistado está respondendo a questões como *Há diferença entre a escola em que você estudou e a atual?*, *Você colocaria seu filho na mesma escola em que você estudou?*, *Há diferenças entre a casa em que você morou com seus pais e a atual?*. Relatos, portanto, conhecidos. Daí constituírem sequências narrativas, caracterizadas por trazerem à tona “fatos que se sucederam em um determinado tempo e local, envolvendo-o ou que dizem respeito a pessoas de sua convivência” (Back *et alli*, 2004, p. 02).

Observamos, com base no *corpus* de ES, um número maior de pretérito imperfeito – PI (tempo gramatical); PI (tempo discursivo); modo indicativo; modalidade realis; aspecto acabado – não-pontual, durativo. Tais observações vão ao encontro do que assumimos como sequência narrativa, o que se pode verificar nos exemplos abaixo:

(13) “Meus irmãos *tinham* bicicleta. Eles *chegavam* do serviço, eu *pegava*... e me *arriava*.” (CRI 2 NEG FB PRI)

Ao todo, foram coletados 377 dados, dos quais 156 (41,5%) apresentam PI como tempo gramatical; destes, 121 apresentam também o PI como tempo discursivo, como mostramos no exemplo supracitado. A partir disso, vemos que a informante usa formas do PI para codificar fatos que aconteciam em sua infância; fatos esses que eram habituais, não-pontuais, daí a coincidência entre tempo gramatical e discursivo.

⁴ NUPESS – Núcleo de Pesquisas Sociolinguísticas da UNESC. As entrevistas utilizadas para este trabalho fazem parte do banco de dados ATLAS, que codifica linguisticamente a região da AMREC, composta de onze municípios. Optou-se por verificar as entrevistas do município de Criciúma, ambos os sexos, área urbana e não-urbana, etnias e idades variadas (escolhidas aleatoriamente), escolaridade entre primário e ginásio (Ensino Fundamental, Ensino Médio).

Todavia, embora as gramáticas normativas prescrevam o uso das formas do PI somente para situações passadas, encontramos sua realização com tempos discursivos distintos. Em (14), o informante produz – tinha – com valor discursivo de presente; em (15), observa-se que o uso de – era – poderia ser codificado gramaticalmente por seria; já em (16), o que vemos é o uso de uma forma do PI – malhavam – para uma situação de tempo gramatical pretérito mais-que-perfeito, caso já analisado por Coan (1997; 2003).

(14) “Porque antes não tinha essa bandidagem que tinha hoje aí ó.”
(CRI 1 ITS MA GIN)

(15) “Mas só se fosse o caso... serviço do marido... que era obrigado a trocar de lugar.” (CRI 2 ALE FA GIN)

(16) “... quando ganharam, eu esperava que aquilo tudo que eles malhavam ia melhorar ...” (CRI 1 NEG FA GIN)

Além dessas considerações, há que se notar a importância de salientarmos que o falante, na sua produção, embora não domine o padrão prescrito pelas nomenclaturas tradicionais, sabe empregar formas verbais, de acordo com as situações vivenciadas. Tendo em vista que as ES são dados de fala, que se diferenciam da escrita principalmente por não se poder voltar atrás para ‘corrigir’, a colocação das formas verbais dá conta perfeitamente do que se quer dizer. Vejamos o exemplo que segue:

(17) “Faltava 3 ano pra me aposentar, a firma fechou...” (CRI 1 ITA M APRI)

Notemos que, em (17), o informante distingue muito bem o uso de PI (não-pontual) e Pretérito Perfeito (pontual), portanto consegue se expressar dentro de sua esfera social que veicula a linguagem do cotidiano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS E IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS

Como resultado de toda a reflexão sobre os gêneros discutidos neste estudo, acreditamos que há implicações pedagógicas, sobretudo se nos orientarmos, enquanto professores, pela significação que se constitui no e pelo discurso com o intuito de propor orientações no processo de ensino-aprendizagem. Há, então, que se pensar o tratamento didático a partir dessa perspectiva. Para tanto, leva-se em conta o tratamento apropriado de uns dos gêneros, que no nosso caso podem ser a carta comercial – CC, notícia ou entrevista sociolinguística – ES. Assim, a proposta é a elaboração

da modelização didática que nada mais é do que “a construção de um modelo didático para o ensino de um dado objeto do conhecimento” (Rojo, 2001, p. 318).

Como cada gênero refrata esferas de atividade humana distintas, certamente os desdobramentos didáticos serão diferenciados. A título de ilustração, vejamos possibilidades suscitadas a partir do horizonte que se apresentou em cada gênero.

CARTA COMERCIAL

Para se elaborar a modelização considerando a análise da CC, acreditamos que a melhor maneira seja por meio de discussões epilingüísticas⁵, análises de leitura, fazendo com que o aluno reconheça no gênero mais que um mero formato textual que, no caso da CC, por exemplo, já está cristalizado.

A forma composicional da CC, em amplo estágio de cristalização, pode, na verdade, dificultar a percepção de outras saliências como *tom de polidez* evidenciada pela metáfora de pretérito ou, ainda, o *futuro de gentileza* proporcionada pela forma subjuntiva presente. A adequação da linguagem em função da situação comunicativa é um importante conteúdo a ser salvaguardado, e a problematização crítica e consciente dos elementos constitutivos das CCs coloca em evidência esse tipo de conteúdo, que vai além dos conteúdos conceituais, pois envolvem os de natureza atitudinais, que focalizam as normas e os valores sociais. A modelização didática pode caminhar rumo à seleção de CCs para que o aluno leia-as, investigue-as visando a apreender ali as relações que o gênero expressa. Após esse processo de leitura-reflexão, encaminham-se práticas de escrita, preferencialmente visando a um leitor real, que podem ser cartas endereçadas, explorando as construções de conhecimento obtidas.

NOTÍCIA

Quanto à leitura do gênero notícias em sala de aula, é importante frisar que, além de colocar os alunos a par dos acontecimentos da atualidade, que podem ser discutidos, desenvolvendo o espírito reflexivo e crítico dos estudantes, eles, também, serão estimulados à leitura, uma vez que se trata de assuntos do interesse em geral; além disso, são textos pequenos,

⁵ Para Galdi (1996), as atividades epilingüísticas são ações que se fazem sobre a linguagem, decorrentes de processos interacionais desdobrados de constantes operações que o aluno faz sobre a língua e a linguagem, relacionando seus usos e conhecimentos intuitivos aos usos e conhecimentos já explícitos, porém sem sistematizá-los, o que acarreta reflexão sobre os próprios recursos expressivos de modo a torná-los objetos de análise.

ou seja, de rápida leitura, contribuindo para a formação do leitor. Freire (2003, p.11) afirma que *a compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.*

É importante ressaltar que esta atividade não se restringe a escola, portanto o que se torna relevante é que a escola instigue o estudante a ler a fim de que ele, além dos muros escolares, desenvolva cotidianamente o hábito de ler, refletir e questionar sobre o que foi lido. Conforme os PCNs (1998, p. 48):

A escola deve assumir o compromisso de procurar garantir que a sala de aula seja um espaço onde cada sujeito tenha o direito à palavra reconhecido como legítimo, e essa palavra encontre ressonância no discurso do outro. Trata-se de instaurar um espaço de reflexão em que seja possibilitado o contato efetivo de diferentes opiniões, onde a divergência seja explicitada e o conflito possa emergir; um espaço em que o diferente não seja nem melhor nem pior, mas apenas diferente, e que, por isso mesmo, precise ser considerado pelas possibilidades de reinterpretação do real que apresenta; um espaço em que seja possível compreender a diferença como constitutiva dos sujeitos.

Para complementar a atividade, pode-se solicitar pesquisa do mesmo assunto em outros periódicos, ou publicar conteúdos de outras disciplinas para estimular o estudante em tais assuntos que serão tratados em sala de aula, promovendo práticas de leitura, sobretudo, em jornais, desenvolvendo a autonomia do estudante por meio da pesquisa. Movimento como esse auxilia no desenvolvimento de práticas de linguagem ligadas à recepção (leitura e escuta) e produção (escrita e fala).

Com vistas a promover a produção escrita, pode-se propor elaboração de um jornal com a turma com o propósito de veicular notícias da escola, receitas, poesia, crônicas, entrevistas, enfim, todos os gêneros da esfera jornalística. Os estudantes envolvidos podem trabalhar em equipes, assumindo responsabilidades individuais e coletivas, de modo a promover o desenvolvimento da autonomia e do trabalho em grupo.

Já para a produção oral, pode-se desenvolver a leitura em voz alta, entonação, postura, tomando como parâmetro o jornal televisivo. Em conjunto com o professor de informática, poderia ter o *blog* do jornal e lá serem postados os vídeos com as notícias. Nos PCNs (1998, p.27), está que:

[...] as atividades curriculares em Língua Portuguesa correspondem, principalmente, a atividades discursivas: uma prática constante de escuta de textos orais e leitura de textos escritos e de produção de textos orais e escritos, que devem permitir, por meio da análise e reflexão sobre os múltiplos aspectos envolvidos, a expansão e

construção de instrumentos que permitam ao aluno, progressivamente, ampliar sua competência discursiva.

ENTREVISTA SOCIOLINGUÍSTICA

No caso das ES, além das considerações feitas acerca da categoria tempo, o professor deve mostrar que textos orais são riquíssimas fontes de informações históricas e sociais. No caso específico do *corpus* aqui analisado, por exemplo, o estudante poderá fazer comparações entre a realidade que ele vivencia e a de anos atrás, estabelecendo conexões. A exemplo do que fez Meurer (2002), tornar-se-ia interessante trabalhar trechos da ES, analisando seu conteúdo tanto no que diz respeito à colocação das formas verbais, como a escolha dos lexemas, que denuncia relações de poder, de ódio, de amor. Outro fator bastante interessante a ser trabalhado é o discurso reportado contido nesses textos. Pensar no porquê de as pessoas mudarem o seu jeito de falar quando reproduzem o discurso de outro pode vir a ser um exercício de interpretação, compreensão e argumentação a respeito de gêneros, codificado nas e pelas formas verbais expressando a temporalidade .

E para finalizar, sugerimos a produção de textos do gênero notícia, a partir dos quais os alunos poderão contar experiências vividas por eles individualmente ou atividades escolares, como os eventos que acontecem na escola. Essas produções devem ser expostas ou publicadas, a fim de incentivá-los a escreverem. É fundamental escrever tendo em mente a audiência, aí está a (res)significação do dizer, porque há o que dizer e para quem dizer.

Os resultados obtidos neste estudo, de modo geral, ajudam a compreender as possibilidades de tessitura ligada à temporalidade verbal, trazendo elementos que possam a ajudar estudar os gêneros quanto à sua forma composicional e de estilo, a exemplo do que propusemos para os gêneros carta comercial, notícia, crônica e entrevista sociolinguística.

Por fim, espera-se que estudos como este estimule outros pesquisadores a compreender os gêneros discursivo aprofundando discussões que aqui se apresentaram, com gêneros específicos ou trazendo outros para contribuir com as descrições nos entornos das formas composicionais, de estilo e conteúdos temáticos, visando a contribuir para as práticas de linguagem que se dão nos espaços escolares.

REFERÊNCIAS

BACK, Angela C. Di P.; ROST, Cláudia; DAL MAGO, Diana; FREITAG, Raquel.. Seqüências discursivas em entrevistas sociolingüísticas. *Anais do 6º Encontro do CELSUL*. Florianópolis, 2004. (cd-rom)

BACK, Angela C. Di P. *A multifuncionalidade da forma verbal –sse no domínio tempo-aspecto-modalidade: uma abordagem sincrônica*. Tese (Doutorado em Lingüística) – Programa de Pós-graduação em Lingüística da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: UFSC/CCE, 2008.

BAKHTIN, Mikhail M. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: Hucitec. Tradução do francês por Michel Lahud e Yara F. Viera, 1988.

_____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. Tradução de Paulo Bezerra.

BELLO, Andrés. Análisis ideológica de los tiempos de la conjugación castellana. IN: *Obra Literaria*, Caracas, Ayacucho, p. 415-459, 1979 [1809].

BONINI, Adair. Os gêneros do jornal: o que aponta a literatura da área de comunicação no Brasil? *Linguagem em (Dis)curso*. Tubarão: Ed. Unisul, v.1, n1, 2000.

_____. Metodologias do ensino de produção textual: a perspectiva da enunciação e o papel da Psicolingüística. *Perspectiva* – Revista do Centro de Ciências da Educação da UFSC, Florianópolis, v20, n.01, p.23-47, 2002.

BRASIL. **PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF. 106 p, 1998.

COAN, Márluce. *Anterioridade a um ponto de referência passado: pretérito (mais-que-) perfeito*. (Dissertação de Mestrado). Florianópolis: UFSC, 1997.

COMRIE, Bernard. **Tense**. 4 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 44. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

GERALDI, João W. "Ensino de gramática x reflexão sobre a língua". In: *Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação*. Campinas: Mercado de Letras/ Associação de Leitura do Brasil, 1996.

GIVÓN, Talmy. (2001). "Tense, aspect and modality. I: functional organization." In: *Syntax - an functional*. V. I. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co, 2001.

_____. *A functional-typological introduction*. Vol. 1, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co. 1984.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora

(orgs.) *Gêneros textuais & ensino*. São Paulo: Parábola, 2010, pp. 19-38.

ROJO, Hoxane R. A teoria dos gêneros em Bakhtin: construindo uma perspectiva enunciativa par ao ensino de compreensão e produção de textos na escola. In: BRAIT, Beth. (Org.) *Estudos enunciativos no Brasil: história e perspectivas*. Campinas, SP: Pontes; São Paulo, Fapesp, p. 163-185, 2002.

_____. Modelização didática e planejamento: duas práticas esquecidas do professor. IN: KLEIMAN, Angela B. (org.). *A formação do professor: perspectivas da lingüística aplicada*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001.

_____. Perspectivas enunciativo-discursivas em produção de textos. In: *Congresso Lingüística aplicada*. Campinas: DLA/IEL/UNICAMP, p. 285-29, 1996.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolingüística*. 7 ed. São Paulo: Ática, 2001.

TAVARES, Maria Alice (1997). O Verbo no texto jornalístico: notícia e reportagem. *Working Papers em Lingüística*. Centro de Comunicação e Expressão. Curso de Pós-Graduação em Letras/Lingüística. Florianópolis: CPGLL, n. 1, jul./dez.